



## **DISTOPIA E CRISE DA URBANIDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER**

Luiz Tiago de Paula<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O termo distopia, recorrente em narrativas, especialmente, na arte do Cinema e da Literatura, já há algum tempo tem avançado em campos da Filosofia, especialmente na Fenomenologia, e da História, Teoria Histórica. O presente trabalho procura apontar uma possibilidade de trazer à tona esse conceito à Ciência Geográfica, a partir da Fenomenologia do filósofo Martin Heidegger, para pensar a urbanidade contemporânea. As cidades são hoje lugares onde confluem e se combinam riscos de distintas escalas (global e local) e gêneses (social, ecológica, econômica etc.). A Geografia, enquanto ciência formal, analisa esses fenômenos urbanos a partir de um sistema categórico próprio, negligenciando, em alguns casos, os aspectos hermenêuticos que (re)criam narrativas capazes de produzir uma consciência ontológico-geográfica sobre o futuro do habitar as cidades.

**Palavras-chave:** Habitar; Geografia Humanista Cultural, Distopia, Ontologia.

### **ABSTRACT**

The term dystopia, recurrent in narratives—particularly within the arts of Cinema and Literature—has, for some time, extended into the fields of Philosophy, especially Phenomenology, and History, particularly Historical Theory. The present study seeks to explore the possibility of bringing this concept into the realm of Geographical Science, drawing on the Phenomenology of the philosopher Martin Heidegger to reflect upon contemporary urbanity. Today, cities are spaces where risks of different scales (global and local) and diverse origins (social, ecological, economic, etc.) converge and combine. Geography, as a formal science, often analyzes these urban phenomena through its own categorical system, at times neglecting the hermeneutical dimensions that (re)create narratives capable of generating an ontological–geographical awareness regarding the future of dwelling in cities.

**Keywords:** Dwelling; Humanistic–Cultural Geography; Dystopia; Ontology.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, l071654@dac.unicamp.br; Professor da Faculdade Sesi de Educação (SP).



## INTRODUÇÃO: DISTOPIAS URBANAS E O PESSIMISMO FENOMENOLÓGICO

De natureza ensaística e hermenêutica o trabalho pretende analisar como o pensamento de Martin Heidegger abriu a possibilidade interpretativa para um habitar urbano e contemporâneo em crise. E como esta crise do habitar reverbera sob um horizonte ontológico de um futuro distópico.

As cidades são os lugares onde os efeitos de diversas crises humanitárias têm se manifestado de maneira emergente na contemporaneidade, como resultado de um longo processo histórico. Isso tem produzido demandas políticas de setores da sociedade civil, órgãos públicos e privados, resultando na criação de agendas e estratégias que busquem lidar com uma somatização de problemas contextualizados em diferentes ordens e escalas: social, ambiental, econômica, demográfica etc. Diante desse cenário adverso, tanto o campo da Arte, quanto da Ciência e da Filosofia (cada um ao seu modo) têm refletido sobre qual será o futuro do habitar as cidades contemporâneas.

Esse futuro incerto se desvela como um horizonte existencial, especialmente, para os campos da Ciência Geográfica e da Filosofia, que buscam compreender como essas crises despontam para distopias que sinalizam riscos aos modos do habitar urbano contemporâneo (De Paula, 2024). Assim, partimos de algumas reflexões do pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger, uma vez que ele foi um dos intelectuais cujo pensamento alertava aos riscos da Modernidade.

A fenomenologia conduzida por esse pensador inaugurou uma tradição interpretativa **pessimista** com o futuro. Sua obra seminal “Ser e Tempo” (*Sein und Zeit*), publicada em 1927, foi considerada um marco para a filosofia do século XX e, como todo clássico, ainda existem em voga violentos acordos interpretativos sobre o que seria a “verdadeira” interpretação de suas obras (Heidegger, 2015; Brito, 2017). No entanto, o presente trabalho identifica esses acordos interpretativos como aberturas para pensar a crise do habitar urbano.

Mesmo não tendo direcionado reflexões específicas a respeito da vida nas cidades urbanas, o conceito do **habitar** (*Vohen*) aparece com uma certa centralidade em estudos tardios de Heidegger (Heidegger, 2012a). Embora o filósofo possa ter sido rotulado, habitualmente, como um “filósofo do tempo” (por conta de sua obra já mencionada “Ser e Tempo”), o conceito de habitar despontou explicitamente as dimensões, sobretudo, espaciais de suas reflexões. Os movimentos intelectuais articulados ao longo de sua trajetória acadêmica fizeram com que se tornasse usual se referir ao “Primeiro Heidegger”, obras e análises do autor relacionadas



diretamente sobre suas publicações a partir do ser e do tempo, e períodos após os anos da década de 1930, o “Segundo Heidegger”, com a “virada espacial” e o empreendimento de se atentar sobre a Arte, a Poética, bem como com as consequências da instrumentalização da Lógica e da Técnica em função da Ciência Moderna (Heidegger, 2012b).

A fim de conceituar o habitar (*Vohen*), o autor fez uma escavação filosófico-etimológica para o distinguir do termo “habitação” – no seu sentido mais usual, técnico-arquitetônico – criando um fio condutor que coloca o próprio habitar sob o campo da crise da Metafísica, diante do projeto da Ciência e da Técnica na Modernidade (Heidegger, 2012a). O habitar (*Vohen*), segundo o autor, traria o elo existencial entre o ser e o mundo, ou seja, seu **ser-aí** (*Dasein*), explicitando o ocultamento do ser aos seus simples modos de manifestação – seus **entes**. É nesta “entificação” do ser-aí (*Dasein*) que residiria um apagamento ontológico do sentido originário das coisas, dentre elas, o habitar (*Vohen*).

O conceito de habitar (*Vohen*), proposto por Heidegger, abre uma fenda epistemológica potente à Geografia e, sobretudo, a pertinência fenomenológico-existencialista de se refletir os fenômenos da vida urbana (Heidegger, 2012a; Marandola Jr., 2012; Norberg-Schulz 1971; Buttner, 1985; Relph, 2012; 1976). O habitar (*Vohen*) seria a própria expressão ontológica da espacialidade do *Dasein*, enquanto forma de **ser-e-estar-no-mundo**, no sentido de romper quaisquer condições de separabilidade entre ser, espaço e tempo (Heidegger, 2015; Marandola Jr., 2012). Poeticamente, esse conceito evolui para uma filosofia e linguagem que visam retirar do ocultamento o *Dasein* pela desvirtuação e confusão dos entes, cuja Filosofia, a Ciência e a Metafísica Ocidental pouco questionaram (Heidegger, 2015, 2019). Ao mesmo tempo, o vigor essencial do conceito de habitar (*Vohen*) pressupõe uma relação de **ser-com-outro** (*Miteinandersein*), sendo este outro o mundo circundante (*Umwelt*) e toda a rede de referenciais e sentidos que estabelecem as bases de coexistência ontológica entre indivíduos e suas experiências espaciais (Holzer, 2016).

Autores como Wasiak (2017) e Holzer (2017), ao identificarem como o habitar (*Vohen*), na contemporaneidade, pode se manifestar essencialmente no espaço urbano, trabalharam com a noção de **ser-na-cidade**, apontando assim a possibilidade de uma dimensão/extensão do *Dasein* que poderia ser entendida como um “ser-aí urbano”. Segundo Wasiak (2017), inspirado por Heidegger, a partir do conceito de **ser-lançado** (*Geoworfenheit*) propôs uma espécie de “atualização” do *Dasein* e do habitar contemporâneo. Para o autor, a cidade é, em sua essência, a fusão de um artefato técnico ao habitar, articulando sistemas ecológicos e tecnológicos que mediam a experiência/existência em diferentes escalas, passando



pelo corpo, a casa, a rua, a região etc. Este *Dasein* teria, assim, uma espacialidade própria, um **mundo-circundante** condicionado à própria urbanidade.

Nesse sentido, as perguntas que sustentam as discussões e objetivos deste trabalho são: será que este **ser-na-cidade** se encontra em **declínio** (*Verfallen*), por conta da difusão de crises urbanas, o que sugeriria um horizonte ontológico distópico do habitar (*Vohen*)? E mais, como este declínio, expresso sob a materialização de crises ambientais e sociais, pode se relacionar com o conceito de **ser-para-morte** (*Sein zum Tode*) do filósofo, em questão?

## **A DIMENSÃO EXISTENCIAL DA URBANIDADE: UM EMPREENDIMENTO HERMENÊUTICO**

Cenário abordado tanto pelas Ciências Humanas quanto pelas Ciências da Natureza, a cidade, com certeza, pode ser considerada um dos principais motes do conhecimento científico contemporâneo. Na sua grande maioria, esses estudos possuem um modelo investigativo pautado sobre o modelo epistemológico **neokantiano**, tratando as crises urbanas como objetos dissociados dos sujeitos que os experienciam e têm em sua própria existencialidade um modo próprio para compreendê-los e dotá-los de sentido (De Paula, 2024).

A cidade contemporânea poderia ser considerada um dos principais monumentos históricos e geográficos de seu tempo. É quase inegável reconhecer que a sua gênese é resultado de um modelo de Ciência e sociedade pautada sobre projetos e modelos que visam racionalizar o espaço habitado. Durante, ao menos, os últimos dois séculos, civilizações ocidentais acreditaram que dentro desses modelos haveria, supostamente, um “espaço”, objeto isomórfico de natureza passiva e maleável à imaginação e razão humana, isto é, cindido. De outro lado, o sucesso das experiências causadas por esse pragmatismo lógico-formal de controle do “espaço” e, portanto, da vida urbana (Hall, 2016). Assim, ao suprimir todas as crises urbanas ao plano da racionalidade positivista, fragmentando a urbanidade em categorias-objetos separáveis, ocultou-se sua dimensão existencial.

A existencialidade na Ciência e Filosofia para Heidegger residiria em uma maneira própria de pensar e questionar – a Ontologia Fundamental (Heidegger, 2012b; 2013). O conhecimento derivado dessa ontologia significaria entender, fenomenologicamente, o **ser** e o **mundo** como entes indissociáveis. A partir da analítica ontológica da *Dasein* de Heidegger (2015; 2013), fenômenos como a experiência e a existência só poderiam ser analisados a partir de um único gesto que posicionasse em um mesmo horizonte ontológico, ou seja, o **ser-no-mundo**.



Para o filósofo alemão, o modelo neokantiano e seus sistemas de categorias falharam ao não considerar essa dimensão existencial, criando obstáculos e um conhecimento insuficiente para compreender quaisquer aspectos ontológicos do fenômeno. Heidegger (2015; 2019) argumenta que por mais rico e estruturado que possa ser um sistema de categorias, toda ontologia permanece, no fundo, distorcida de seu propósito mais autêntico se, previamente, não se esclarece, de maneira suficiente, o sentido do ser-aí (*Dasein*) em sua tarefa fundamental.

O empreendimento **hermenêutico** do sentido do ser-no-mundo poderia vislumbrar, portanto, uma outra maneira epistêmica e metodológica para pensar ontologicamente o futuro das cidades. Ao considerar a somatização de problemas urbanos em um habitar contemporâneo em crise, poderia-se considerar a própria **compreensão e interpretação** como fenômenos essenciais do ser-no-mundo. Gadamer (2015) e Dilthey (2010) consideravam que a investigação hermenêutica filosófica vai para além do procedimento prático-científico. Assumiam que a busca pelo sentido das coisas, nas Ciências Humanas (*Geisteswissenschaften*), não está restrita aos limites considerados pelas metodologias específicas do modelo moderno de Ciência, uma vez que todas as referências humanas – a arte, o corpo, a existência e a experiência – são valiosas ao entendimento do mundo.

## **DISTOPIA DA URBANIDADE E A DEACADÊNCIA DO SER-NA-CIDADE**

O conceito de distopia tem repercutido com maior consistência científico-acadêmica no campo da Teoria Histórica (Dornelles e Bernaldo, 2022; Bentivoglio, 2019; Bentivoglio et al, 2017; Brito, 2017; Hartog 2013). Esses trabalhos têm focado em analisar como as narrativas distópicas, na Ciência e na Arte, podem articular passado, presente e futuro a partir da formulação heideggeriana da **temporalização do tempo** (Heidegger, 2015). A este campo de estudos, é usual a evocação do “Primeiro Heidegger” e a sua noção de **temporalidade** (*Zeitlichkeit*) manifestada como chave central aos temas de pesquisa (Bentivoglio, 2019; Heidegger, 2015). Por isso as orientações reflexivas destes trabalhos estão mais filiadas às preocupações levantadas, especialmente, da obra “Ser e Tempo”, e outras produzidas pelo filósofo entre os anos 1920 e 1930.

No entanto, defende-se no presente trabalho que, além da Teoria Histórica, a Geografia, em especial o campo Cultural-Humanista, tem aberturas ontológico-epistemológicas para se enveredar nas questões distópicas, especialmente, sob suas dimensões ontológico-espaciais associadas, especialmente, a segunda fase intelectual do autor, o “Segundo Heidegger”. Ambas as vertentes de seu pensamento, “temporal” e “espacial” estão articuladas



e se complementam. O desafio seria, assim, encontrar reverberações dessas abordagens para pensar o sentido das distopias nas cidades contemporâneas: tarefa que traçaremos pistas, no sentido de iniciar um diálogo entre a obra, o pensamento do filósofo e a sua pertinência à Ciência Geográfica.

O termo distopia, geralmente, está associado ao campo da Arte, especialmente, na Literatura e no cinema, com narrativas de tempos e lugares (habitualmente futuros), onde se evidencia uma ruptura das condições básicas de sobrevivência, causada por decisões coletivas que, em certa medida, negligenciariam todos os avisos de um iminente desastre, sob o respaldo de uma ilusão (ou “razão”) de exacerbante confiança sobre a infalibilidade de um modelo de sociedade. A Arte, nesse sentido, e a Fenomenologia Existencialista (especialmente heideggeriana) antecipou-se à Ciência ao questionar ou colocar em dúvida o futuro de nossa sociedade.

Analisando-se a etimologia do termo distopia, encontra-se a origem de suas partículas do grego *δυσ* (translit. “dis”) – que se refere à negação, ausência, dificuldade, caos ou privação. No entanto, à sua origem latina “*dys*”, para Bidarra e Scheneider (2009), também pode indicar dualidade, divisão em duas, deslocamento ou dificuldade. Enquanto a partícula *τόπος* (translit., “*topos*”), por sua vez, é um radical que demonstra a sua dimensão espacial, como lugar ou sítio, de modo que Bentivoglio (2019, p.21), define distopia, mais livremente, “como um lugar cindido, ou ainda, um lugar em deslocamento” ou ainda um “des-lugar”.

Essas noções do termo distopia, para além da noção heideggeriana face à uma experiência de um “tempo temporalizado” e assombroso (Dornelles; Bernaldo, 2022), haveria também uma dimensão espacial específica de um lugar existencial: é como se a urbanidade manifestasse uma maneira própria de habitar (*Vohen*), compondo as estruturas de um ser-na-cidade que como condição ontológica apenas vislumbra a vida urbana como possibilidade. É neste ponto em que sugiro que a própria urbanidade se manifesta como um modo de habitar (*Vohen*) o mundo e, assim sendo, um elemento fundamental para compreender o pessimismo de Heidegger. Para ele, toda **existência** (*Existenz*) está imbuída da decadência (*Verfallen*), sendo o ser-lançado-ao-mundo, em constante declínio, um aspecto central do ser, tendo como base originária a facticidade do **mundo circundante** (*Umwelt*).

A questão que se levanta, portanto, é se a existência (*Existenz*) e a decadência (*Verfallen*) são as próprias condições do *Dasein*, seria, então, segundo o pensamento de Heidegger, a distopia do **ser-na-cidade** um fenômeno inevitável, um ser-para-morte (*Sein zum Tode*)?



## O HABITAR URBANO E A CONSCIÊNCIA ONTOLÓGICO-GEOGRÁFICA COMO POSSIBILIDADE

Para Heidegger (2015; 2013) a **decadência** (*Verfallen*) pode nos conduzir ao desapareço dos detalhes da vida cotidiana ou ao entendimento ôntico de que a nossa existência se mostra medíocre diante das circunstâncias que o *Dasein* possa nos proporcionar. No entanto, a **angústia** (*Angst*) produzida por essa limitação não nos permite esquecer o passado nem seus lugares, mas dotá-los como chaves para encarar as possibilidades de repetição e padrões de tempo e lugares em diferentes **espacialidades**. Nesta capacidade de reconhecimento que, do ser-aí (*Dasein*) lançado no mundo, reside a condição de abertura e o poder de se questionar a estabilidade de um futuro em crise e distópico.

O declínio do ser-aí (*Dasein*), para Heidegger (2015), é sustentado a partir de uma perspectiva teleológica, cujo resultado é o seu fim, ao que o filósofo chamou de **ser-para-morte** (*Sein zum Tode*). A natureza do *Dasein*, assim, seria ao nascer (entenda-se, ser-aí lançado), ter como destino último destino o seu próprio declínio e fim – a morte. Esta morte não teria relação única com o fim biológico do *Dasein*, mas uma condição ontológica da prontidão do *Dasein*, ou seja: a potência de uma nova proposição ontológica perante o próprio ser. O ser-para-morte, ao reconhecer sua finitude, pode enfim valorizar e resguardar a vida.

Essa perspectiva deslocaria a concepção daquilo que se consideraria “pessimista” do pensamento heideggeriano sobre a temporalidade do ser, e colocaria o **declínio** não mais sobre uma distopia - um “tempo-e-lugar cindido”, mas em um outro horizonte ontológico indeterminado, aberto e transmutável. Tal como Bentivoglio (2019) sustenta, as narrativas distópicas para o século XXI não têm mais um sentido único e antagônico de seu lexema – a utopia – mas podem ser compreendidas como a emergência de uma nova consciência histórica – e aqui acrescentamos **consciência ontológico-geográfica** – uma vez que esse declínio pode mover diferentes posturas do *Dasein*, ao e pensar e imaginar os limites e os sentidos das condições existenciais do habitar urbano, transformá-lo.

Se refletirmos tal como o conceito de *tipping point* (Lovejoy; Nobre, 2019), advindo das Ciências Ambientais sobre o fenômeno de emergência climática, que sugere a capacidade de um sistema ecológico “retornar” ao seu estado ou condição de vida pretérita aos processos de degradação, as cidades não retornarão a ser o que eram antes. O sentido desta evolução, apesar de não ser marcado por transformações (sociais e ecológicas) lineares, estabelece uma direção única, pouco otimista e perversa. No entanto, muito menos do que um medo do futuro, ou histeria diante do colapso, é preciso reconhecer que tão perigoso quanto aos riscos que se



proliferam são as crenças – tidas como exclusivas e incontestáveis – em modelos e soluções técnicas, capazes de reverter ou controlar qualquer condição de ruptura de uma habitar em constante vertigem.

Essa crença e confiança excessiva sobre a técnica é, para Heidegger (2012b), dominada e explorada por uma **disposição** (*Gestell*) que vige e vigora o habitar contemporâneo. Heidegger (2012a, p.139) contesta e procura subverter essa disposição, ao propor que “[...] a plenitude da essência [do habitar] é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços. Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir”. Ou seja, colocando a essência e o sentido do *Dasein* rumo a uma potência empreendedora às sombras que revelam distopias diante de nós.

Dois pontos, assim, devem ser considerados na Ontologia Fundamental de Heidegger. A primeira assinala que o declínio (*Verfallen*) – do habitar e do ser-na-cidade – é inevitável à sua própria existência. Trata-se de um “entrelaçamento” de crises que sinalizam a falha desse modo de habitar urbano. A noção de “disponível-a-mão” (Heidegger, 2012b) pode nos ajudar a compreender esse “entrelaçamento”: a urbanidade como ente tem na estrutura do seu ser a base de sistemas ecológicos e modelos geográficos de um habitar, responsável por mediar a maneira como projetamos o mundo-circundante (*Umwelt*). Em vista disto, ela se manifesta como uma técnica “disponível-a-mão”, responsável por manter o mundo-circundante (*Umwelt*) discreto e despercebido. No entanto, quando algo dá errado na cidade, uma inundação ou alagamento das vias e habitações devido à fortes chuvas, por exemplo, há uma mudança como a cidade se “mostra” a nós, estando temporariamente “indisponível-a-mão” (Guignon, 2024). Se essa indisponibilidade persistir, ela será responsável por causar rupturas desse habitar, permitindo avistar o fundamento da mundanidade do mundo, ou seja, a face vulnerável e finita de seu *Dasein* (Marandola Jr., 2021).

Embora, como já afirmado, Heidegger nunca tenha objetivamente pensado as cidades, elas aparecem em diversos textos e conferências para dimensionar essa espacialidade do ser e um futuro distópico. Assim, essas passagens não se tratam de meras coincidências ou estratégias pedagógicas de exemplificação, mas constituem fenômenos próprios de suas reflexões. O autor parece colocar, intencionalmente, a urbanidade como aberturas de compreensão de um habitar que se encontra em risco.

Em sua conferência pronunciada por ocasião da Segunda Reunião de Darmstadt, “Construir, habitar e pensar” de 1951, a cidade aparece

[...] Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são construções e não habitações; a estação ferroviária, a autoestrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. Essas várias habitações estão, porém, no âmbito de nosso habitar,



um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação. Na autoestrada, o motorista está em casa, embora aí não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Essas construções oferecem ao homem um **abrigo**. (Heidegger, 2012a, p.125 – grifo meu)

A ideia de a cidade e o habitar como **abrigo** ecoa de maneira eloquente para Heidegger (2012a), sendo esta noção responsável por dar sustentação para a **autenticidade** do fenômeno. “Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. *O traço fundamental do habitar é esse resguardo*” (Heidegger, 2012a, p. 132). Resguardo, abrigo, permanecer pacificado, portanto, seriam pilares que compõe a quadratura<sup>2</sup> e, portanto, a autenticidade do habitar (*Vohen*).

Na mesma conferência em Darmstadt, o filósofo, ao se pronunciar para um público de maioria de estudantes de arquitetura, procura exemplificar essa autenticidade ao usar como referência o habitar camponês

Pensemos, por um momento, numa casa camponesa típica da Floresta Negra, que um habitar camponês ainda sabia construir há duzentos anos atrás. O que edificou essa casa foi a insistência da capacidade de deixar terra e céu, divinos e mortais [a quadratura] serem, com simplicidade, nas coisas. Essa capacidade situou a casa camponesa na encosta da montanha, protegida contra os ventos e contra o sol do meio-dia, entre as esteiras dos prados, na proximidade da fonte. Essa capacidade concedeu-lhe o telhado de madeira, o amplo vão, a inclinação íngreme de asas do telhado a fim de suportar o peso da neve e de proteger suficientemente os cômodos contra as longas tormentas das noites de inverno. Essa capacidade não esqueceu o oratório atrás da mesa comensal. Deu espaço aos lugares sagrados que são berço da criança e a “árvore dos mortos”, expressão usada ali para designar o caixão do morto. Deu espaço aos vários quartos, prefigurando, assim, sob um mesmo teto, as várias idades de uma vida, no curso do tempo. Quem construiu a casa camponesa foi um trabalho das mãos surgido ele mesmo de um habitar que ainda faz uso de suas ferramentas e instrumentos como coisas. (Heidegger, 2012a, p.139)

Heidegger (2012a, p. 140) pondera seu exemplo “[...] a referência à casa camponesa na Floresta Negra não significa, de modo algum, que devemos e podemos voltar a construir desse modo. A referência apenas torna visível, num já *ter-sido* um habitar, como o habitar foi capaz de construir (*Bauen*)”. Não se trata, assim, de uma dicotomia “cidade-campo”, mas de como a disposição (*Gestell*) aparece na relação entre seres humanos e Terra, ao que o geógrafo Eric Dardel (2011), sob inspiração da fenomenologia heideggeriana, chamou de **geograficidade**.

---

<sup>2</sup> “Chamamos de quadratura [céu, terra, deuses e os mortais] essa simplicidade. Em *habitando*, os mortais são na quadratura. O traço fundamental do habitar é, porém, resguardar. Os mortais habitam resguardando a quadratura em sua essência. De maneira correspondente, o resguardo inerente ao habitar tem quatro faces.” (Heidegger, 2012a, p.130-131)



Essa, assim por dizer, geograficidade da urbanidade contemporânea apontam para pistas de que a ruptura ou desequilíbrio da quadratura está atrelada a **inautenticidade** do habitar a cidade moderna (especialmente na conjugação deuses-mortais), despontando a urbanidade como um tempo acelerado e um lugar em forte deslocamento de sentidos do ser, ao ressaltar que “[...] já é um enorme ganho se habitar e construir tornarem-se dignos de se questionar e, assim, permanecerem *dignos de se pensar*.” (Heidegger, 2012a, p. 140). Sendo assim, o declínio um dado factível da existência, o pensar e o cuidado do habitar pode ter um papel ontológico sob a espacialidade e a temporalidade para talvez viabilizar um outro futuro imaginável.

Segunda consideração: se o declínio se revela como vertigem – o ser-para-morte (*Sein zum Tode*) ao filósofo, deve-se aqui ressaltar que Heidegger (2013), ao invés de suscitar uma desistência ou a rendição a uma sentença do fim absoluto, ele identifica, ao plano da consciência-histórica e também ontológico-geográfica, uma potência encorajadora, ou seja o vigor de uma prontidão. O declínio, contraditoriamente, reforça uma postura de **regeneração** (*Wiederholt*) contanto que esta seja levada à realização da abertura do novo (a clareira do ser). É neste sentido, que a fenomenologia de Heidegger consegue, a um só gesto, ser apocalíptica e soteriológica.

Compreender a tarefa que o futuro das cidades nos impõe lança-nos de volta à necessidade de “reconquistar nossas raízes históricas”, de ter uma visão criativa a respeito de nossas possibilidades e tradições ontológicas, não para, simplesmente, “repetir” o início, mas para avistar novos inícios transformados. É neste sentido que o pensamento da fenomenologia heideggeriana pode assegurar algumas alternativas para pensar as distopias urbanas. Para Guignon (2024), colocar a ontologia como uma questão central não é simplesmente se envolver em uma busca acadêmica abstrata. Pelo contrário, a questão ontológica abre o “acontecimento” da existência humana às possibilidades ainda não questionadas, a futuros e, ao mesmo tempo, passados, aguçando-os e dando-lhes força no presente.

## REFERÊNCIAS

- HOLZER, W. Ser-na-cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar. In: **Pensando – Revista de Filosofia**, v.8, n.16, pp.20-32, 2017.
- BENTIVOGLIO, J. **História & Distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século 21**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.
- BENTIVOGLIO, J., RODRIGUES, Marcelo D., BRITO, Thiago V. (Orgs) **Distopia, Literatura & História**. Serra: Editora Mil Fontes, 2017.



BIDARRA, Jorge; SCHNEIDER, Luizane. Prefixos de- e dis- e suas contribuições semânticas para as palavras de base. **XIX Seminário do CELLIP — Pesquisa em Língua e Cultura na América Latina**, 21 a 23 out. 2009. Anais. Cascavel: UNIOESTE, 2009.

BRITO, T. V. Temporalidades distópicas ou distopias temporais? Um problema para os historiadores. In: BENTIVOGLIO, J., RODRIGUES, M. D., BRITO, T. V. (Orgs) **Distopia, Literatura & História**. Serra: Editora Mil Fontes, 2017, 146p.

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (trad. Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011.

DILTHEY, W. **Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010,

DORNELLES, D.; BORNALDO, R. B. História e distopia: três abordagens teóricas (pressentimento, atualismo e um futuro sem precedentes). In: Aedos, v.13, n.30, pp.21-41, 2022.

GADAMER, H. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUIGNON, Charles B. **Heidegger**. (Trad. Luís Gabriel Provinciatto) São Paulo: Ideias & Letras, 2024.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e dos projetos urbanos do século XX**. (Tradução Maria Alice Junqueira Bastos, Pérola de Carvalho, Anita Guimarães) São Paulo: Perspectiva, 2016.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Kant e o problema da metafísica**. Trad. Alexandre Franco de Sá & Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. **Ontologia: hermenêutica da facticidade**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, pp.125-142, 2012a.

HEIDEGGER, M. Ciência e o Pensamento do sentido. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, pp.39-60, 2012b.

LOVEJOY, T.E.; NOBRE, C. Amazon tipping point: last chance for action. **Science Advances**, n.5, p.1-2, dez. 2019.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MARANDOLA JR., E. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v.37, n.1, p.81-94, jan./abr. 2012.

NORBERG-SCHULZ, C. **Existence, space and architecture**. New York: Praeger, 1971.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR. E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Qual o espaço do Lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.17-32.



**ENANPEGE**  
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e  
Pesquisa em Geografia

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

WASIAK, J. Ser-na-cidade: uma aproximação fenomenológica da experiência tecnológica. In: **Geograficidade**. v. 7, n.1, pp.4-20, 2017.